

12-04-2023

As crianças da bolha virtual

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Há mais ou menos uns oito anos, ao levar minha filha ao médico, presenciei uma cena surpreendente na recepção do consultório pediátrico. No banco de espera havia uma mãe com uma criança de três anos. A garotinha se agitava no colo materno, indócil, de tal forma que a mãe a colocou sentada no chão e, não tendo outra coisa para distraí-la, ofereceu-lhe uma daquelas revistas vencidas, disponíveis à leitura dos pacientes que aguardam o atendimento. Com a revista entre as pernas, a criança passou a mão desajeitada até abrir o periódico em uma página com uma figura de propaganda seguida de um anúncio. Fixou o olhar por alguns segundos na figura e, em seguida, passou o dedo repetidamente sobre a imagem da folha, como se estivesse tentando rolar a lista da tela de um celular.

Como a imagem permaneceu imóvel, a criança se irritou e começou a bater na revista desordenadamente. Eu que me mantinha atento à cena fiquei impactado com o que via.

Aquela menininha de três anos não conhecia revista, não tinha experiência alguma de reconhecimento daquele objeto.

Mas, devido a alguma semelhança com a tela do smartphone ou tablete, que parecia fazerem parte do seu cotidiano, ela insistia em tratar o periódico como se fosse um desses aparelhos.

A cena que presenciei já há bastante tempo no consultório pediátrico diz muito sobre a condição das crianças e jovens de hoje. Temos diante de nós uma geração que nasceu na fronteira entre o mundo real e o virtual e que cresceu dentro desse mundo virtual, quase que totalmente dependente de aparelhos eletrônicos conectados à internet. A virada de costumes e de modos de apreensão das coisas e a interação no dia a dia, provocada pelas redes sociais ou as mídias online, dominantes na vida dos jovens e crianças de hoje, têm posto instituições como a família e a escola em situações desconfortáveis.

Na atuação dessas gerações que nasceram com um smartphone nas mãos, as experiências e vivências da vida real parecem cada vez mais empobrecidas e desconcertadas e isso impõe muitos dilemas éticos aos adultos que estão na regência das vidas dessas crianças e jovens.

Hoje, quando acordei me lembrando da cena que vi na recepção do consultório pediátrico, me veio à memória uma outra cena: toda vez que saía para alguma festa, *shopping* ou encontro de amigos com minha filha, na época em que ela tinha três, quatro anos, era um corre-corre danado. Crianças nessas idades são naturalmente inquietas, exploratórias, então eu e outros pais e mães com filhos não descansávamos. Levantávamos o tempo todo da mesa, deixávamos a conversa pela metade indo atrás de crianças. “*Não pode subir aí, não pode jogar isso, cuidado aí com o amiguinho; olha, o cachorrinho é bonito, mas não se pode puxar a orelha dele*”... E era uma noite infinita de conselhos, paralações éticas, elogios, cuidados, frases encorajadoras diante de frustrações e cobranças de etiquetas sociais...

Geralmente, o infinito dessas noites terminava às 22h ou menos, a depender da agitação e do esgotamento dos pais. As crianças dessa era digital me parecem muito diferentes das crianças que encontrava nas noitadas com amigos. Outro dia fui a um desses encontros e pela décima vez constatei chocada que as criancinhas de três, quatro anos estavam sentadas silenciosas e absortas com smartphones nas mãos, ali, mesmerizadas e alheias ao mundo exterior. Aquela vivência real, agitada, lugar de alargamento da experiência física, moral, afetiva e psíquica tão comum a essas faixas etárias, que em outros tempos esgotavam pais e mães atentos, já não existe mais. O lugar dessa experiência complexa foi tomado pelas mídias digitais disponíveis ao infinito nas pequenas telas de tabletes e celulares. Cabe perguntar agora quais serão as consequências desse isolamento social que, para o sossego egoísta dos pais em seus laços adultos, tira a criança de experiências fundamentais à sua constituição de sujeito com o mínimo de preparo para viver nos laços sociais em que certamente estará enredada? Experiências que lhe permitirão agir e reagir no meio social, respeitando as regras básicas, a diversidade e o tempo dos outros. Como uma criança - com a experiência social substituída por recortes de vídeo e joguinhos pré-montados para prender a atenção - e o desejo dos usuários vão se haver com as necessidades reais de contato, aceitação, solidariedade, frustração e de disputas do cotidiano? Como reagirá sem o preparo garantido pelas vivências coletivas diárias no mundo real, que de fato a moldam como sujeito e que comumente são acompanhadas e orientadas por pais, conhecidos e profissionais da educação?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.